

tros assuntos, abrir uma subscrição a favor dos camaradas presos em Viana do Castelo, para o que pede a cooperação de todos os camaradas. As quantias podem ser enviadas para a Biblioteca «A Vida», rua do Laranjal, 60-3.º andar, ou para a rua de Fernandes Tomaz, 224.

Até hoje já se recebeu o seguinte: Centro Instrutivo de Propaganda libertaria, 550; M. F. Torres, A. S. 2x520; A. Neto, Afonso Gama, A. J. Magalhães, 3x505; Gonçalves, 506. Soma, 1511.

Guerra mecanica

e morte automatica

Nesta simples frase, epigrafe de uma das suas cartas, sintetisa um dos correspondentes do «Daily Mail» com admiravel precisão, o caracter geral da guerra actual e os horrores a que ela tem dado causa, principalmente nas regiões francezas invadidas pelos alemães — sem falar nas victimas causadas no mar pelas minas, nem das bombas que os aeroplanos e Zeppelins lançam do céu — e para a justificar limita-se a reproduzir o que, numa das ambulancias inglesas lhe disseram um oficial e dois soldados francezes, feridos no campo de batalha.

«Esta guerra é horrivel! — exclamou o official. E a luta dos engenhos que acemiam a morte e não a resultante do esforço fisico de cada combatente, homem contra homem.

Quando fui ferido, metade do meu batalhão acabava de ser positivamente varrido, num instante, pelo fogo dos alemães.

Não se pode fazer idéa do que isso seja! Cada homem dá volta a uma manivella e parece que o proprio ar fica envenenado! E a morte que paira por toda a parte, que sufoca, que aniquila, que despedaça tudo!

Estou convencido de que, quando esta guerra acabar, os horrores que ella causou não de assombrar a humanidade e os homens, que individualmente se recusariam a ser magaretes neste açougue monstruoso, não de ficar pasmados da sua obra nefasta! E então a destruição desses engenhos malditos ha de impôr-se á consciencia universal, revolvida contra si propria!

Quando carregámos — disse um dos soldados — os nossos cavalos galopavam em massas compactas contra a infantaria inimiga, que por seu turno estava agrupada e, quando nos achavamos a curta distancia, rompiam o fogo... Iso não nos deteve, porém. Avançamos, recuámos, tornámos a avançar e, por fim, passamos levando tudo adiante de nós; mas, affaço-lhe, para pensar, foi-nos preciso saltar sobre um verdadeiro muro dos nossos cavalos e cavaleiros que haviam caído aos montões, como que fulminados.

— O nosso canhão de 75 é admiravel! — murmurou o outro soldado. Obdecendo á ordem que nos mandava assaltar á baioneta a posição inimiga, lançamo-nos no campo sob a protecção da artilharia! E era ver!... Protecção o trabalho de uma gigante ceifeira a vapor, que instantaneamente derrubasse o trigo de imensa seara!

Comicio em Vilar de Pinheiro

O Grupo Mocidade Libertaria, de Vilar do Pinheiro convida o povo trabalhador a assistir a um comicio contra a carestia da vida que se realiza hoje, pelas 2 horas da tarde, no teatro Alexandre Herculano proximo á Estação de Vilar do Pinheiro.

Coisas historicas

12-1890 — Em Coimbra inicia a sua publicação um semanário anarquista com o título o 1.º de Maio.

13-1909 — Nos fossos do maldito castello de Montjuich, (Espanha) é fuzilado Francisco Ferrer y Guardia, fundador da Escola Moderna, cujo ensino racionalista tanto incomodou os governantes e clericais espanhóis.

14-1914 — Dá-se em Sinaing (Belgica) um desabamento numa mina, ficando 6 operários mortos e 1 ferido gravemente.

15-1845 — Nasce Jean La Bruyère, celebre moralista francês e autor dos «Caracteres».

16-1896 — Sai em Montevideo A Ideia Livre, semanário anarquista publicado clandestinamente.

17-1909 — A Confederação Operaria Brasileira promove no Rio de Janeiro grandes manifestações publicas contra o assassinato de Francisco Ferrer y Guardia.

18-1739 — A inquisição queima, em Lisboa, Antonio José, o judeu, por encontrar nas suas comedias uma critica á religião católica...

O serviço militar obrigatório

O Século, pouco importa com que intuitos, tem feito uma interminável enumeração de escândalos praticados no recenseamento militar, escândalos que formam sistema e pelos quais se vê que o serviço militar continua a ser obrigatório... para os pobres sem bons padrinhos. E mais um exemplo para a história das reformas legais.

De todos os cantos mandam áquele diário protestos e reclamações contra a isenção sistemática de robustos latagões bem apadrinhados e contra o apuramento de pobres diabos fisicamente inferiores.

Apostamos dobrado contra singelo que os isentos não de ser, na sua maior parte, dos mais ardentemente partidários da guerra, dos mais ruidosos berradores nas manifestações patrióticas!...

E claro que nós não queremos que o serviço militar seja obrigatório: muito pelo contrário. Mas queremos que dele se possam isentar todos, e não somente os ricos e apadrinhados...

CARTA DE BEJA

A Carestia da vida

A classe trabalhadora — que, diga-se de passagem, muito pouco se tem preocupado com a sua miserissima situação económica — começa agora a protestar, duma maneira bem significativa contra a carestia da vida, agravada com a conflagração europeia. Comerciantes e açabarcadores de todos os tamanhos e feitios, abusando da protecção vergonhosa que as autoridades lhes conferem, especulam á vontade, fazem o seu jogo financeiro e roubam descaradamente os que trabalham.

Por toda a parte as associações operárias veem protestando contra este estado de cousas; porém, as associações operarias de Beja ainda não protestaram, parecendo-nos mesmo que não pensam em semelhante coisa. Ora, nós, não pudémos, por mais que cogitásemos, encontrar a razão de tal procedimento. Poder-nos-hão objectar que as referidas associações tem pouca vida, isto é, que tem poucos socios e esses mesmos não as frequentam, lutando as direcções com grandes dificuldades para as manter, não podendo, por esse motivo, encetar qualquer movimento de caracter economico.

Sabemos muito bem que as associações daqui tem pouca vida; mas isso não obsta a que ellas, de comum acordo, possam iniciar um movimento semelhante aos que as suas congéneres veem realizando no paiz e no estrangeiro.

Porque os trabalhadores de Beja, são refractários á associação, é que se torna necessário aproveitar estas grandes crises para lhes fazer sentir a necessidade de se organizarem dentro dos seus baluartes, as associações, onde podem encetar a luta para meter na ordem os açabarcadores e as autoridades que os protegem.

A falta de trabalho começa a fazer sentir-se, especialmente, nos rurais; e os ferreiros e serralheiros quasi não podem continuar a trabalhar, mercê do aumento excessivo do ferro e do carvão, e em virtude de não haver quem queira pagar esse excesso.

Os vendedores de peixe, de pão e outros generos de primeira necessidade, que se vendem na praça, principiam a escarnecer, desafortadamente, do povo e da policia, dando ocasião a alguns conflitos pessoais. Um dia destes, um vendedor de peixe, deu lugar a um desses conflitos, que bem revela a protecção escandalosa que as autoridades dão aos comerciantes. E o caso que, estando o referido vendedor a vender uma porção de sardinha a um revendedor, chegou um operário para comprar tres centavos das mencionadas sardinhas; o peixeiro, ou porque não quizesse vender as sardinhas ao homem, ou porque pretendia avialo depois de ter servido o outro, fê-lo esperar muito tempo. O operário desesperado, e com razão, vendo que o peixeiro vendia a sardinha ao revendedor e não a elle, chamou em seu auxilio um poli-

cia, e logo a seguir appareceu tambem o administrador do concelho, que pretenderam meter na ordem os açabarcadores. Nesta altura, aparece o vereador que pertence áquele pelouro, que é cunhado do peixeiro, a invocar uma postura camararia que foi aprovada por todos os edis, dizendo ao cunhado que podia vender como quizesse e pudesse, porque a dita postura lho facultava.

O administrador, que é democratico, vendo-se desautorizado pelo vereador, que é unionista, mandou retirar a policia da pescadaria, da praça da hortaliça e do talho, deixando, assim, manobrar á vontade os comerciantes.

Os camaristas democraticos queixam-se dos unionistas, e estes dos democraticos, pertendendo todos, á porfia, terem razão, o que não pôde ser porque todos são responsaveis na aprovação da tal postura, que deu lugar ao conflito. Seja como for: o povo é que não pôde estar á mercê das vaidades balofas, caprichos e erros destes incompetentes ou mal intencionados.

Portanto, urge, que as direcções dos sindicatos operarios, se entendam o mais rapidamente possivel, para levar a efeito um movimento tendente a pôr cobro a este estado de cousas.

O momento é propicio; saibamos aproveitá-lo.

Mãos a obra! e que todos deem para o bom exito da cauza toda a energia e toda a boa vontade que podem dispendir; nós, os anarquistas, não nos pouparemos a sacrificios, sejam eles quais forem, para fazermos vingar os direitos do povo oprimido roubado e ultrajado.

Beja, 7-10-914. O GRUPO A CAMINHO DO FUTURO

Notas Rubras

Divagações

Aproveitando a folga obrigada de meia semana que goso ha já mezes — fruto dessa desigualavel carnificina que se descompartilha por quasi toda a vasta Europa — fui noutro dia, de manhã, em passeio um dos montes que existem a pouca distancia do palacio onde habito com o duplo fim de, na quietude relativa daquelles ermas logares, deliciar o espirito em leituras variadas e aspirar um pouco de ar sadio, puro.

Quem nunca disfrutou as delicias duns momentos de descanço no cimo duma encosta, não faz uma idéa — ligeira sequer — de quanto ha de bello nos silencias das colinas, cobertas de esverdeados tojos e pinheiros.

Do lugar em que me detive avistava-se uma deliciosa paisagem: O Sol flamejava, brilhante, no alto; nas orlas do cêro espalhavam-se indomeros campos; alem, divisava-se uma clara nesga do rio Douro; perto, silvando aguda e estridentemente, passara, resfolegante, uma locomotiva; ao longe, visam-se as chaminés das fabricas vomitando largos e negros rolos de fumo; ali, os lavradores rasgavam, em fundos regos entre canções alegres, o ventre da terra, para, em breve, lhe deitar a semente bemilha, e acolá, em varios edificios em construção os diversos operarios trabalhavam azafamadamente...

Tudo quanto a meus olhos se depapava naquellas horas de goso eram manifestações potentes de vida fecunda e nobre.

Esquecia-me por completo que te para outras terras os homens olvidavam o que a existencia pode ter de bello, e que em vez de conquistar a felicidade do seu viver — esmagando a Prepotencia e torcendo a Mentira em pó — se trucidavam bestialmente, tigrinamente, sem um motivo elevado, sem uma razão justa, sem uma causa que os interessasse...

Não me lembrava tambem que varios exaltados jacobinos — incitudo a imprensa da sua facção, com o famigerado camaleão da rua do dito, de Lisboa, á frente — se esforçavam, ruidosamente, para que Portugal enlãsse algumas das suas tropas a tomar parte na mais formidavel sangocira que a historia da humanidade regista.

Sim, não me passava pela mente que esses «ardentes patriotas», que a toda a hora entoam «o êco duma afronta...», queriam á viva força que os outros, os desgraçados que a má sinta lhes apertou as corcelas militares nas costas, fossem verter o seu util sangue nessa luta de chacais ou deixar o seu no campo da pejeira, abandonando no luto e na dor os seus entes mais queridos, tais como — mães, esposas, irmãos, noivas, filhos, etc., assim como tambem paralisado o trabalho na lavoura, na minas, no mar, na officina; em toda a parte, enfim, onde o seu braço vigoroso e produtor se empregava.

E foi por tudo isso que eu naquellas escassas horas vividas no alto daquelle monte, no meio dos tojos e dos pinheiros — esquecido dos egoismos e das maldades deste mundo corrupto — passei uns momentos ditosos e involvidáveis.

C. RODRIGUES.

Homini-Lupus

Soldado... fratricida... caniball... Onsarão bemdizer-te a vida insana?... Flagelo extirpador da espécie humana; Alma de treva — famulo do mal!

Alem, ao longe, os fumos da metralha... Sangue em torrentes cobre todo o chão... Retumba nas quebradas o canhão; Talam-se campos — vence-se a batalha...

Que importam ais, gemidos, pelos ares? Que dol a um militar, assim, a morte? Se p'ra os vencidos é bem negra a sorte, Folgam herois em belicos cantares...

Porém... se triunfar a sã Verdade, Então, ó reis da Terra... generais! Acabaram-se os corvos e chacais; Faltam soldados — Vive a Humanidade!...

Porto, outubro, 1914 A. SERRANO

Dolorosa contradição

Defendendo-se da accusação de querer, com a minoria vencida em Parma, incitar a Itália official á guerra, De Ambris confessa deste modo a dolorosa contradição em que se debate:

«Não queremos de modo algum impellar o governo a sair da neutralidade, digam o que disserem os falsificadores do nosso pensamento. Acusam-nos por isso de estarmos em contradição com nós mesmos. Pode ser e não nos assustamos com isso, pois essa pretensa contradição tem os seus motivos de defesa:

1) E' nos aconselhada pela repugnância profunda que sentimos pela guerra, em virtude de todas as sabidas razões humanas e socialistas que é inútil repetir aqui, mas que a nós — guerristas! — nunca esqueceram.

2) Não julgamos do nosso dever nem do nosso interesse compartilhar a responsabilidade do governo no caso duma eventual ruptura de neutralidade, mesmo pela consideração de que o governo faria a guerra em homenagem a razões muito diversas das que por nós são expostas.

3) Não podemos occultar a nós próprios que uma guerra afortunada da Itália significaria um revigoramento, pelo menos momentâneo, das instituições monárquicas, e isso não o desejamos de modo algum.

4) Estamos convencidos de que, mesmo sem a intervenção da Itália, o pangermanismo será vencido, e enquanto não for demitida pelos factos esta convicção, de boamente admitimos que melhor é para o proletariado italiano não correr a aventura da guerra e reservar-se para a missão de intervir antes em favor da paz.»

Já não ha classes sociais

Aquelle patusco do Xavier de Carvalho sempre nos manda de Paris cada uma!

Há dias em carta parao Diário de Noticias, seguindo na esteira do Journal e agravando lhe as imbecilidades perversas, rejubilava porque os russos iam entrar em Königsberg e destruir um palácio real e uma igreja-panteão em resposta á destruição da catedral de Reims; mas lamentava que esses edificios não tivessem valor artistico! Assim, escrevia o dito Xavier, a destruição só poderá ferir a familia imperial, e não o povo alemão! Que pens!

Isto não indica ferocidade extrema da parte do Xavier, concordamos: é apenas patetica estrême. Como há de o coitado perceber que o protesto contra a destruição de Reims foi, sincera ou hipocritamente, justificado pelo facto de ficar diminuido o patrimonio artistico da humanidade? Do mesmissimo modo, se a igreja e o palácio de Königsberg fossem monumentos de arte, a sua destruição não seria uma perda só para a Alemanha, mas para toda a humanidade. Como há da perceber isto o Xavier, jornalista analfabeto? Não o fadou Nosso Senhor para essas coisas...

Mais recentemente, mandou dizer para o mesmo jornal que em França, perante a defesa da pátria, já não havia classes sociais nem partidos politicos. Quem não conhecer o Xavier, pode tomar aquilo como verdade pura.

A coberto da tal reconciliação nacional e da situação, são numerosos os patrões que procuram reaver o perdido e pagam os mais baixos salários: La Bataille Syndicaliste, embora em surdina, tem citado muitos casos. Ao mesmo tempo, os jornais burgueses atacam, com franqueza ou disfarce, os revolucionários sociais e suas ideias.

A reacção militarista levanta a grimpá. Os «grandes generais» e «heróis» são divinizados, e os revolucionários não escondem o seu receio dum triunfo cesarista. Enquanto os jornais ingleses dizem tudo (e por isso foi prohibida a sua entrada em França), a imprensa franceza está amordaçada; e a censura militar, destinada a fiscalizar as noticias sobre as operações, alarga as suas attribuições e corta brandos artigos de ideias civis. Foi o que succedeu, por exemplo, a um artigo em que Jean Grave dava um simples relato documentado dum movimento de opinião que se desenhou na Inglaterra, abertamente favorecido pelos ministros Grey, Churchill, Asquith, Lloyd George, etc.; com o intuito de criar, na conclusão da paz, uma organização que garanta a Europa contra os riscos de nova guerra. La Bataille Syndicaliste chegou-nos sempre cheia de claros.

O clericalismo tem aproveitado a ocasião para uma activa propaganda, cheia de éxito numa população privada dos seus elementos masculinos mais jovens e inteligentes. Os jornais clericais e nacionalistas tem aumentado a tiragem, chegando um deles a tirar um milhão de exemplares mais, ao passo que imprensa republicana é revolucionaria baixa e empobrece.

A vitória da «democracia» franceza promete-nos males e obstáculos que, embora inferiores aos da vitória do imperialismo teutonico, devem pôr de sobreaviso os revolucionários...

Cabriolas de politico

O deputado socialista M. J. da Silva, arguido no número 330 do jornal que redige, que os anarquistas são «intolerantes, desbragados, faltos de logica e de criterio», «cegos da vista e do espirito», «e que, quando os vimos pela frente, nos devemos precaver das suas loucas arrogancias.» E acompanhando estes chavões filosofico-socialistas duma mancheira de imbecilidades e de baboseiras, empenhava-se com aquelle desejo furioso do megalomaniaco, em pregar-nos uma formidavel parafha de coices.

Não fizemos caso do investida; esperamos simplesmente que o proprio acusador se desdissesse. E para isso não foi preciso esperar muito tempo.

No penultimo sábado, o centro socialista de Paranhos realizou uma sessão de protesto contra a guerra. Nela falou o nosso camarada A. Quintanilha, e o mesmo deputado socialista, depois de o ouvir, encheu-se de ologio, de lhe agradecer a «scientificas lições», de render homenagem ao seu talento, de lhe chamar estudioso e grande educador das massas proletarias, numa palavra, de provar aos seus correligionários que Quintanilha bem como os anarquistas que pretendem atingir com a insulsa e odienta prosa acima transcrita, sabem o que dizem e o que fazem, que não eram nada do que elle dissera.

Vejam os operários sinceros como são as coisas e como procedem certas criaturas. Quem as não conhecer que as compre, que não são as que queremos nem pelo carrêto...

Centro e Biblioteca de Instrução Livre e Social

Este Centro, cuja sede é na Travessa dos Arcos, 92, realiza hoje ás 16 horas uma sessão solene comemorativa do 5.º anniversario do barbaro fuzilamento de Francisco Ferrer. A entrada é livre; e convidamos se não só os socios e suas familias como todo o povo trabalhador.